

# Cinema

## POESIA ENGAJADA

A trajetória de Ettore Scola prova que bons filmes não precisam ser difíceis ou cansativos

Por André Spera

Para muitos, existem dois tipos de filme. O que apenas diverte a platéia e a faz esquecer os problemas do cotidiano, e o chamado "cinema de autor". Você pode concordar ou não com esse rótulo, mas neste último tipo, considerado mais sofisticado, as peculiaridades e ideias do diretor aparecem de maneira mais explícita. De forma geral, são aqueles filmes em que você consegue perceber traços característicos. Nesse caso, existem poucos diretores tão autênticos e cativantes quanto Ettore Scola. Um dos maiores representantes do cinema italiano do século XX, Scola é de uma geração posterior à de grandes mestres como Visconti, Rossellini e Fellini, o que faz dele, na verdade, uma espécie de tributário do cinema neorrealista italiano.

Scola começou sua carreira no cinema ainda nos anos 50. Apaixonado pela comédia popular italiana, ele desenvolveu, como roteirista, muitas histórias cômicas. Nos anos 60, foi coautor de roteiros de obras-primas do cinema italiano, como *Aquele que sabe viver* (Il sorpasso, 1962), de Dino Risi; *O*

*marido traído* (Alta infedeltà, 1964) e *Conheço bem essa moça* (Io la conosco bene, 1965), ambos de Antonio Pietrangeli. Em 1964, estreou na direção com *Fala-se de mulheres* (Se permettete, parliamo di donne), comédia com Vittorio Gassman, de quem se tornaria grande amigo. Sempre com uma forte veia humorística, Scola realizou seu primeiro sucesso expressivo de público e crítica com *Ciúme à italiana* (Dramma della gelosia - Tutti i particolari in Cronaca, 1970), com Marcello Mastroianni - uma comédia antológica, de alto cunho político. No filme, Oreste, um homem de meia-idade, casado, conhece uma bela vendedora de flores e se apaixona por ela, causando ira em sua esposa. A história, como o título já sugere, é um grande jogo de ciúmes, pois a florista, interpretada por Monica Vitti, se apaixona pelo jovem pizzaiolo Nello, a quem conhece em uma passeata do PCI (Partido Comunista Italiano), e os dois começam a namorar. Oreste morre de ciúmes e, disposto a reconquistar a moça, faz de tudo para separar o casal.

Pode-se dizer que os anos 70 foram os anos de ouro



Aposentado no início de 2009, Scola conclui sua carreira marcando o cinema italiano com críticas bem-humoradas

de Scola. Ele filmou uma verdadeira sequência de obras-primas, entre as quais *Nós que nos amávamos tanto* (C'eravamo tanto amati, 1974). O filme conta a história de três amigos, Gianni, Antonio e Nicola, que, ao longo de três décadas, seguem diferentes rumos na vida, depois de lutarem juntos na resistência durante a Segunda Guerra. Ao longo desse tempo, uma mulher, Luciana, torna-se, para eles, um amor em comum. A linguagem poética e leve do filme, aliada a temas políticos, é a marca do estilo Scola. Nessa obra, ele homenageia outro grande diretor italiano, o neorrealista Vittorio de Sica - de cuja filmografia há uma citação na cena que focaliza um programa televisivo do qual participa Nicola, um cinéfilo marxista.

Outro filme que marcou época e tornou o cineasta inegavelmente conhecido no cenário internacional foi *Feios, sujos e malvados* (Brutti, sporchi e cattivi, 1976). A película traz a história de um ex-operário turrão e desconfiado, que vive em um cortiço em Roma com uma família enorme e cheia de agregados. Após sofrer um acidente de trabalho, Giacinto (interpretado genialmente por Nino Manfredi) recebe uma boa quantia em dinheiro. Neurótico e desgostoso com todos à sua volta, Giacinto piora a situação quando traz uma amante para morar em casa. Assim como em outros de seus filmes, a análise crítica e ácida da sociedade está lá, mas Scola faz o espectador rir daquela situação e, inevitavelmente, de si mesmo. Esse é um dos poucos filmes em que se pode ver uma Roma diferente daquela que geralmente imaginamos, já que seu centro histórico e rico dá lugar a uma periferia pobre e suja.

Na década de 1980, filmou *O terraço* (La terrazza, 1980), *Casanova e a Revolução* (La nuit de Varennes, 1982), e o audacioso *O baile* (Le bal, 1983). Neste último, o personagem principal não é uma pessoa, mas um salão de dança que passa por diversos períodos da história do século XX. Todos os atores funcionam como coadjuvantes, e seus personagens vão passando por mudanças do tempo e da cultura, como a Segunda Guerra, o surgimento do rock-'n'-roll e a moda da discoteca. Detalhe: não há sequer uma linha de diálogo durante todo o filme, e, mesmo assim, este é um dos mais queridos dos fãs do diretor. Apesar da ausência de falas, Scola não cria uma obra hermética ou incompreensível, como comenta o crítico Luiz Zanin, editor do suplemento "Cultura" do jornal *O Estado de S. Paulo*. "Para Scola, sempre foi importante manter um diálogo honesto com seus espectadores", comenta Zanin.

Seu último trabalho na década de 80 foi *A família*, de 1987. Nessa época, sua carreira de 23 anos como diretor já somava mais de 20 filmes. É verdade que, a partir da década de 90, Scola diminuiu o ritmo, mas não parou de produzir boas películas, como *A viagem do capitão Tornado* (Il viaggio di capitain Fracassa, 1991), obra com traços teatrais. A história ilustra a vida de uma trupe de teatro na Idade Média.



No filme (acima) que tornou Scola famoso, Feios, sujos e malvados, o protagonista tem uma família enorme e vive em um cortiço na periferia de Roma. Em Casanova e a Revolução, lançado no início dos anos 80, o tema central é a Revolução Francesa

Em 2004, colaborou em documentários como *Um outro mundo é possível*, sobre o G8 em Gênova, e *Cartas da Palestina*, sobre os conflitos na região. Há alguns anos, decidiu que se aposentaria em 2009. No começo deste ano, o diretor afirmou ao jornal *La Repubblica* que preferia "gozar da velhice", por ser "um momento belíssimo". E opinou sobre o cinema atual: "Eu acredito que hoje é mais difícil ter bons filmes do que na minha época, porque os jovens não têm a bagagem cultural ou a motivação política que nós tínhamos". "Não lamento a queda das ideologias, o pior é que não existe nada que as tenha substituído", justificou.

O crítico Luiz Zanin concorda com a perspectiva de Scola: "Mais do que nunca o grande público parece precisar de evasão, efeitos especiais e pouca reflexão. Scola nunca fez filmes assim. Mas me parece que existe pelo menos uma parcela do público, mais adulta e politizada, que parece sempre disposta a prestigiar esse tipo de filme".